

NOTA SOBRE O DESCONHECIDO BUFFON

Georges Louis Leclerc, Conde de Buffon (1707-1788) era biólogo, Em 1733 foi eleito e indicado pelo Rei para a Academia de Ciências.

Um episódio inesperado o levou também, em 1753, à Academia Francesa. Foi eleito para a vaga de Languet de la Villeneuve de Geroy, arcebispo de Sens, o poeta Aléxis de Piron. O Rei, no entanto, não aceitou indicá-lo. A academia, tendo que apresentar ao Rei, com urgência, um outro nome, decidiu escolher para a vaga alguém que já fosse da convivência dos acadêmicos, e deste modo indicou o Conde de Buffon para a vaga. Ele tomou posse em 25 de agosto de 1753 tendo pronunciado na ocasião este texto que ora publicamos, e que ficou conhecido como “Discurso sobre o Estilo”, em lugar do costumeiro elogio ao predecessor.

Sua obra de biólogo, *Histoire Naturelle*, traz contribuições de grande relevância para a história da ciência no século XVIII. Entre tantas referências antigas e recentes poderia lembrar aqui uma que lhe faz Starobinski¹:

Uma observação deve ser acrescentada: Quando a ação/reação do físico e do moral se introduziu no discurso antropológico do Iluminismo, os cientistas já admitiam que o físico (o princípio animal de Buffon) é regido, em um primeiro nível, pela lei da ação sensorial e da reação motora. (p. 114)

Por outro lado, segundo Starobinski, naquele momento da história do pensamento,

em Buffon e em Charles Bonnet, o dualismo metafísico residual permite preservar a autonomia do sujeito humano elevando-o, por assim dizer, fora da natureza. Buffon concede ao ser humano uma possibilidade de escapar à generalidade e ao anonimato do que se produz segundo a lei universal da natureza”, e diz mais: “Utilizando as fórmulas de nosso tempo, podemos dizer

que, segundo Buffon, *isso[ça]* reage no animal e igualmente na parte “material” do homem, enquanto este pode, por sua alma, apreender-se como um *eu penso*. A vida animal é a condição necessária do pensamento; ela não é a sua condição suficiente (p. 115).

Não deixa de ser uma interessante hipótese de trabalho, então, procurar pensar a concepção de estilo de Buffon, tão própria do século XVIII, a partir de sua própria concepção expressa na sua *História Natural*. Relembremos, somente, que logo no início do discurso encontramos:

“A verdadeira eloquência supõe o exercício do gênio e a cultura do espírito. Ela é bem diferente desta facilidade natural de falar que não é senão um talento, uma qualidade concedida a todos cujas paixões são fortes, os órgãos flexíveis e a imaginação rápida. Estes homens sentem vivamente, comovem-se igualmente; *o fora* os afeta fortemente; e, por uma impressão puramente mecânica, eles transmitem aos outros seu entusiasmo e suas afeições. *É o corpo que fala ao corpo*; todos os movimentos todos os signos ocorrem e servem igualmente. O que é necessário para emocionar a multidão e arrebatá-la? O que é necessário para tocar a maior parte dos outros homens e persuadi-los? Um tom veemente e patético, gestos expressivos e freqüentes, palavras rápidas e altissonantes. Mas para o pequeno número daqueles cuja cabeça é firme, o gosto delicado e o sentimento distinto, e para quem como vós, Senhores, contam pouco o tom, os gestos e o som vão das palavras, *são necessários coisas, pensamentos, razões*; é preciso *saber apresentá-los, nuançá-los, ordená-los: não basta atingir o ouvido e alcançar os olhos, é necessário agir sobre a alma* e tocar o coração *falando ao espírito*.” (Grifo nosso).

Ou seja, como agir sobre o que é o próprio do ser humano, sobre o que o distingue dos demais animais? Em certo sentido, é para responder a esta pergunta que Buffon faz o seu discurso à Academia.

Esta pequena nota espera não só apresentar um personagem da história dos estudos da linguagem que foi, efetivamente, um importante biólogo, mas também abrir um caminho para a desautomatização de citações da célebre frase de Buffon, que com freqüência aparece mutilada sob a forma “o estilo é o homem”. Como sabemos, o que ele disse é “O estilo é o próprio homem”. E o que significa

esta frase no conjunto do pensamento deste biólogo que acaba por abrir caminhos para uma certa antropologia, e assim para as agora chamadas ciências humanas? Não se pode esquecer que no decorrer do seu texto há uma outra definição que ajuda a empreitada: “O estilo não é senão a ordem e o movimento que damos a nossos pensamentos”.

Eduardo Guimarães
DL-IEL e Labeurb/Nudecri – Unicamp

Notas

1. Starobinski, J. 2002 [1999] *Ação e Reação. Vida e aventuras de um casal*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

